

**COSMOPOLITISMO LATINO-AMERICANO: DARCY RIBEIRO NO EXÍLIO E A
DESCOBERTA DO SINGULAR****LATIN AMERICAN COSMOPOLITANISM: DARCY RIBEIRO IN EXILE THE
DISCOVERY OF THE SINGULAR****COSMOPOLITISMO LATINOAMERICANO: DARCY RIBEIRO EN EL EXILIO EL
DESCUBRIMIENTO DE LO SINGULAR**Luiz Otávio P. Rodrigues¹

Resumo: Este trabalho tem por objetivo fazer breves considerações acerca da trajetória acadêmica de Darcy Ribeiro (1922–1997). Pretende-se destacar um momento específico de sua biografia: a sua escolha de permanecer na América Latina durante o exílio imposto pelo Golpe Militar de 1964. O objetivo reside em mostrar como essa decisão fez com que Darcy desenvolvesse uma postura cosmopolita e apresentar a maneira como isso mudou os rumos da sua produção intelectual. O método empregado foi de revisão de literatura, mediante o conceito de “aclimatação de ideias” proposto por Antonio Brasil Júnior (2013). A conclusão revela que a opção de Darcy Ribeiro de permanecer na América Latina e a possibilidade circular nesse continente fez com ele desenvolvesse um cosmopolitismo latino-americano. Darcy percebeu que os rumos da colonização nos países latino-americanos geraram similitudes e alteridades na construção das suas sociedades. A partir dessa experiência, as obras de Darcy Ribeiro provincializam a Europa enquanto uma categoria explicativa dessas configurações histórico-culturais.

Palavras-chave: Darcy Ribeiro; cosmopolitismo latino-americano; exílio; aclimatação de ideias.

Abstract: This work aims to make brief considerations about the academic trajectory of Darcy Ribeiro (1922–1997). Thus, it is intended to highlight a specific moment of his biography: his choice to remain in Latin America during the exile imposed by the Military Coup of 1964. The goal is to show how this decision caused Darcy to develop a cosmopolitan stance, and the way this changed the course of his intellectual production. The method used was the literature review based on the concept of “acclimatization of ideas”, according to Antonio Brasil Júnior (2013). The conclusion reveals that Darcy Ribeiro's choice to remain in Latin America, and the possibility of moving on this continent made him develop a Latin American cosmopolitanism. Darcy realized that the directions of colonization in Latin American countries generated similarities and otherities in the construction of their societies. From this experience, the works of Darcy Ribeiro provincialize Europe as an explanatory category of these historical-cultural configurations.

Keywords: Darcy Ribeiro; latin american cosmopolitanism; exile; acclimatization of ideas.

Resumen: Este trabajo tiene como objetivo hacer breves consideraciones sobre la trayectoria académica de Darcy Ribeiro (1922–1997). Así, se pretende destacar un momento concreto de su biografía: su elección de permanecer en América Latina durante

¹ Doutorando em Sociologia (PPGS-UFF), mestre em Sociologia (PPGS-UFF), bacharel em Ciências Sociais (UENF) e licenciando em Ciências Sociais – ESR (UFF).

E-mail: luizr@id.uff.br.

el exilio impuesto por el Golpe Militar de 1964. El objetivo es mostrar cómo esta decisión hizo que Darcy desarrollara una postura cosmopolita, y la forma en que esto cambió el curso de su producción intelectual. El método utilizado fue la revisión de la literatura basada en el concepto de 'aclimatación de ideas', según Antonio Brasil Júnior (2013). La conclusión revela que la decisión de Darcy Ribeiro de permanecer en América Latina, y la posibilidad de mudarse a este continente lo hicieron desarrollar un cosmopolitismo latinoamericano. Darcy se dio cuenta de que las direcciones de la colonización en los países latinoamericanos generaban similitudes y alteridades en la construcción de sus sociedades. A partir de esta experiencia, las obras de Darcy Ribeiro provincializan Europa como categoría explicativa de estas configuraciones histórico-culturales.

Palabras clave: Darcy Ribeiro; cosmopolitismo latinoamericano; exilio; aclimatación de Ideas.

TRAJETÓRIA ACADÊMICA E POLÍTICA

Natural da cidade de Montes Claros, em Minas Gerais, Darcy Ribeiro (1922–1997) foi um renomado antropólogo, político, educador e ensaísta. O reconhecimento acadêmico obtido por ele na década de 1950, após a publicação de *Religião e mitologia Kadiéw: ensaios sobre o saber, o azar e a beleza* (1950), catapultou-o para a vida pública. No ano seguinte, além de ter publicado os ensaios *Arte Kadiéw* (1951), *Notícia dos Ofaié-Xavante* (1951) e *Atividades científicas da Seção de Estudos de Proteção aos Índios* (1951), envolveu-se na gestão de projetos culturais e educacionais ao longo de sua carreira. Em 1953 foi nomeado diretor da Seção de Estudos do Serviço de Proteção aos Índios. No que concerne à cultura, participou da criação do Museu do Índio (1953) e do Parque Indígena do Xingu (1954–1957), bem como publicou o ensaio *Os índios Urubu* (1951).

No âmbito da educação, organizou, em 1955, o primeiro curso de Antropologia Cultural do país na Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil, atual Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), juntamente ao também antropólogo Eduardo Galvão (1921–1976). Nesse mesmo ano, também assumiu a cadeira de Etnografia Brasileira e Língua da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade do Brasil, na cidade do Rio de Janeiro. Na sequência, firmou parceria com o educador Anísio Teixeira (1900–1971) e aderiu ao “escolanovismo”. Sob a coordenação de Anísio, foi nomeado, em 1957, diretor da Divisão de Estudos e Pesquisas Sociais (DEPS) no Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais (CBPE). No ano de 1959, recebeu a função de planejar a implementar a Universidade de Brasília (UnB).

Em 1962 tornou-se Ministro da Educação e Cultura, mas deixou o cargo no ano seguinte para assumir o posto de Chefe da Casa Civil. No entanto, em virtude da ascensão da ditadura militar, Darcy foi licenciado em 1962 do seu cargo de professor. O ano de 1963

foi marcado pelo governo de João Goulart (1919–1976) e pelas intensas agitações no cenário político brasileiro. O anúncio das Reformas de Base criou um enorme descontentamento entre as forças opositoras, sobretudo entre os setores militares. Essa conjuntura atingiu o seu limite em 1º de abril de 1964, desaguando no Golpe Militar. Nesse ano, Darcy Ribeiro teve os seus direitos políticos cassados e conseqüentemente foi exonerado, em 1964, de todas as funções públicas que exercia. Com a sua liberdade em ameaça, Darcy deixou o Brasil.

Durante os doze anos em que esteve exilado, Darcy Ribeiro deteve um itinerário político-acadêmico bastante ativo. Quando chegou ao Uruguai, em 1964, assumiu a vaga de professor de Antropologia em modalidade de dedicação exclusiva. No ano de 1965, publicou o ensaio *La universidad latino-americana y el desarrollo social*. Em 1967 dirigiu o Seminário sobre Estruturas Universitárias, que foi organizado pela Comissão da Universidade da República Oriental do Uruguai, e, no ano seguinte, recebeu o título de Doutor Honoris Causa pela mesma instituição. Ainda em 1968, Darcy Ribeiro retornou ao Brasil, pois o Supremo Tribunal Federal anulou o processo que resultou no seu exílio em 1964. Todavia, o Ato Institucional n.º 5 fez com que ele fosse preso nesse mesmo ano. Durante o período de reclusão, Darcy lançou *O processo civilizatório: estas da evolução sociocultural* (1968), obra de abertura da série *Estudos da Antropologia da Civilização*.

Em 1969 foi julgado e absolvido pelo Superior Tribunal Militar e deixou novamente o Brasil, exilando-se dessa vez em Caracas, na Venezuela, onde foi convidado para assumir a direção do Seminário Interdisciplinar de Ciências Humanas, que tinha como público-alvo professores universitários e alunos de pós-graduação. Darcy Ribeiro também coordenou um grupo de trabalho que tinha o propósito de estudar a renovação universitária. Ainda em 1969 houve um debate internacional promovido pela revista *Current Anthropology* sobre o seu livro *The Civilizational Process*² e também do seu ensaio *Culture-Historical Configurations of the American People*, também publicado na forma de livro. Em 1970 coordenou o seminário de Formação e Processo das Sociedades Americanas em Lima, Peru, atividade presente no cronograma do 39º Congresso Internacional de Americanistas. Em 1970 também recebeu um convite da Universidade Nacional da Colômbia para integrar o grupo de especialistas em problemas universitários. Publicou os livros: *Propuestas acerla de la renovación* (1970) e *Os índios e a Civilização*:

² Tradução de *O processo civilizatório* para língua inglesa, elaborada por Betty J. Meggers (1921–2012).

a integração das populações indígenas no Brasil moderno (1970) da série *Estudos da Antropologia da Civilização*.

Em 1971 Darcy Ribeiro recebeu um pedido da Divisão de Estudos das Culturas da Unesco: elaborar a introdução geral da obra *América Latina em sua arquitetura*. Ele também participou de um congresso realizado em Barbados pelo Conselho Mundial de Igreja, para discutir os problemas indígenas. Dessa maneira, Darcy ainda colaborou na condição de ter sido um dos redatores da Declaração de Barbados acerca do etnocídio indígena. Participou do Colóquio Internacional sobre o Ensino de Ciências Sociais, realizado em Argel, uma cidade da Argélia. Publicou igualmente a obra *O dilema da América Latina: estruturas de poder e forças insurgentes* da série *Estudos da Antropologia da Civilização* (1971).

No ano de 1972 Darcy preparou um plano de reestruturação do sistema universitário peruano juntamente a Oscar Varsavsky (1920–1976), Amílcar Herrera (1920–1995) e um grupo de educadores. No México, participou da II Conferência Latino-Americana de Difusão Cultural e Extensão universitária, evento promovido pela União das Universidades Latino-Americanas (Udual). No evento em questão, Darcy apresentou o trabalho *¿Qué integración latino-americana?*. Depois de ter participado do Conselho Nacional da Universidade Peruana (Conupe), Darcy escreveu o estudo *La universidad peruana* e decidiu permanecer em Lima, no Peru, para dirigir e organizar o Centro de Estudos de Participação Popular, uma iniciativa financiada pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), pela Organização Internacional do Trabalho (OIT) e pelo Sistema Nacional de Mobilização Social (Sinamano).

Ainda no ano de 1972, Darcy recebeu uma solicitação do Ministério de Educação e Pesquisa Científica da República da Argélia para elaborar um projeto de estruturação da Universidade Ciências Humanas de Argel. Esse projeto contou com a participação do seu parceiro de longa data, Oscar Niemeyer (1907–2012), para a elaboração do plano arquitetônico.

Também foi a Genebra, na Suíça, e assinou um contrato para dirigir o PNUD-OIT³ 71 Per 550. Na sequência, foi contratado para o cargo de professor visitante do Instituto de Estudos Internacionais da Universidade do Chile e passou a residir na cidade de Santiago. Além disso, publicou o livro *Os brasileiros: teoria do Brasil* (1972).

³ Projeto Nações Unidas para o Desenvolvimento.

Em 1973 viajou para o Equador, participou do programa de Estudos do Centro Nacional do Planejamento e de seminário nas universidades, e publicou o ensaio *Etnicidade, Indigenato e campesinato* (1973), bem como o livro *La universidad nueva, um proyecto* (1973). No ano de 1974, Darcy participou do 41º Congresso Internacional de Americanistas, no México, evento em que dirigiu um seminário acerca do problema indígena. Nesse mesmo ano, em Portugal, ele também participou do Ciclo de Conferências sobre reforma universitária nas unidades do Porto, de Lisboa e de Coimbra. Ao fim de 1974, ele retorna para o Brasil para tratar o câncer que surgiu em seu pulmão, e este o ajudou a pôr um fim em seu exílio político, uma vez que a fragilidade de sua saúde fez com Darcy deixasse de ser visto como uma ameaça. Também se separou de sua primeira esposa, Berta Gleizer Ribeiro (1941–1997), e publicou o ensaio *Rethinking the University* (1974), *Uirá sai à procura de Deus: ensaios de etnologia e indigenismo* (1974) e *La universidad peruana* (1974).

Cabe ressaltar que, no período de 27 anos em que estiveram casados, Berta Ribeiro⁴ teve um papel primordial na elaboração das obras de Darcy Ribeiro. Além de ter colaborado nos livros *Arte Plumária dos índios Kaapor* (1954) e *Summa Etnológica Brasileira* (1986), Berta foi responsável pela revisão, tradução e catalogação das diversas cartas, obras e dos documentos reunidos ao longo da trajetória de Darcy, que culminaram na construção da Fundar⁵. Como destaca Luciana Heymann (2012, p. 273), a construção desse arquivo surgiu do desejo de Darcy ser lembrado por sua contribuição intelectual, e não somente por seus projetos políticos.

Em 1975 voltou à direção do Centro de Estudos de Participação Popular, em Lima, e participou da comissão preparada pela PNUD, com o intuito de planejar a Universidade

⁴ As passagens abaixo foram retiradas do texto *Confissões*, obra autobiográfica de Darcy Ribeiro. Os trechos foram escolhidos por retratarem, ainda que de maneira breve, a importância da presença de Berta na trajetória de Darcy: “Agora vou ficar um ano inteiro no Rio para escrever um troço para a UNESCO sobre a política indigenista no Brasil. Trabalho que nem burro, não porque faça muita coisa, mas porque aquela velha preguiça não me larga. Se sai alguma coisa é porque Berta não me dá folga” (RIBEIRO, 1997, p. 89). “Colaborou de forma assinalável comigo como auxiliar de pesquisa e teve sua primeira formação como etnóloga capacitada para observação direta. Nos anos seguintes, Berta aprofundou seus estudos me ajudando a elaborar os materiais colhidos na redação de meus livros sobre a arte, a religião e a mitologia dos Kadiwéu” (RIBEIRO, 1997, p. 109).

⁵ A Fundação Darcy Ribeiro é uma instituição dedicada à pesquisa e ao desenvolvimento de projetos educacionais, culturais, sociais e científicos. Criada em 1996 por Darcy Ribeiro, trata-se de uma Fundação com personalidade jurídica de direito privado, sem fins lucrativos, e detém os direitos autorais de seu instituidor. Tem sede própria na cidade do Rio de Janeiro e mantém representação em Brasília, no Memorial Darcy Ribeiro, localizado no campus da Universidade de Brasília (UnB), onde abriga o acervo documental e as bibliotecas dos antropólogos Darcy e Berta Ribeiro. Disponível em: [Fundação Darcy Ribeiro \(fundar.org.br\)](http://Fundar.org.br). Acesso em: 23 maio 2022.

do Terceiro Mundo no México. Publicou o ensaio *Tipologia política latino-americana* (1975) e o livro *Configurações histórico-culturais dos povos americanos* (1975). O ano de 1976 foi quando Darcy retornou definitivamente ao Brasil, no mês de outubro, após ter participado do Seminário de Integração Étnica do Congresso de Ciências Humanas na Ásia, África e América, evento que foi organizado pelo Colégio do México e que ocorreu na cidade do México. Esteve presente em uma outra edição do Congresso dos Americanistas, em Paris, França, onde Darcy dirigiu um simpósio sobre o problema indígena. Publicou nesse mesmo ano o ensaio *Os protagonistas do drama indígena* (1976), assim como o seu primeiro romance, *Maíra* (1976). No ano seguinte participou de conferências no México e em Portugal.

Ainda durante o Regime Militar, em 1978, Darcy participou da campanha contra a falsa emancipação dos índios, casou-se com Claudia Zarvos e publicou o livro *UnB: invenção e descaminho* (1978). No ano de 1979 Darcy Ribeiro recebeu o título de Doutor Honoris Causa pela Universidade de Paris IV e ainda publicou o livro *Sobre o óbvio: ensaios insólitos* (1979). A partir da década de 1980 Darcy retoma as suas atividades docentes e políticas no Brasil. No ano de 1980 voltou para o seu cargo de professor titular do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Participou como membro do 4º júri do Tribunal Russel, realizado na cidade de Roterdã, na Holanda, com a finalidade de julgar os crimes perpetrados contra os povos indígenas na América. Além disso, fez parte da Comissão de Educadores, que se reuniu em Paris com o propósito de estabelecer os rumos da educação para o futuro, e ainda foi eleito membro do Conselho Diretor da Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais (FLASCO).

Em 1981 publicou o romance *O mulo* (1981), e no ano seguinte participou do Seminário de Estudos da Amazônia, realizado na Universidade da Flórida, nos Estados Unidos da América. Ademais, foi recebido na universidade estadunidense de Columbia e participou da reunião da *Latin American Studies Association* (Lasa), na cidade de Washington. Também participou do ciclo de conferências da Universidade de Madri, na Espanha. Foi eleito vice-governador do estado do Rio de Janeiro, publicou o romance *Utopia Selvagem* (1982) e o ensaio *A nação latino-americana* (1982). No ano de 1983 Darcy participou dos *Rencontres Internationales de la Sorbonne: Création et Développement*, em Paris, bem como assumiu as funções de secretário do Estado da Secretaria Extraordinária de Ciência e Cultura e de chanceler da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. No que diz respeito a esse acúmulo de diferentes cargos, Helena

Bomeny (2001) sublinha que essa foi uma estratégia encontrada por Darcy para contornar os expedientes burocráticos para consecução mais veloz da sua agenda política.

Enquanto secretário extraordinário de Ciência e Cultura, em 1984 Darcy Ribeiro coordenou e planejou a construção do Sambódromo do Rio de Janeiro, bem como a Biblioteca Pública Estadual do Rio de Janeiro, na qual tinha a função de coordenar o funcionamento das bibliotecas dos Centros Integrado de Educação Pública (CIEP). Além disso, organizou o Centro Infantil de Cultura do Rio, reeditou a *Revista do Brasil* e publicou o ensaio *La civilización emergente* (1984) e o livro *Nossa escola é uma calamidade* (1984). Em 1985 coordenou o planejamento do processo de reforma educacional do Rio de Janeiro, de modo que pôs em funcionamento uma fábrica de escolas, que tinha como meta construir mil unidades escolares de pequeno porte. Também realizou a construção de 300 Centros Integrados de Educação Pública (CIEP), com o propósito de prover educação integral para cerca de 300 mil crianças. Juntamente com o Ministro de Cultura da França, Jack Lang, Darcy organizou, no antigo prédio da Alfândega, na cidade do Rio de Janeiro, o Museu França-Brasil. Publicou igualmente *Aos trancos e barrancos* (1985).

No ano de 1986 licenciou-se dos cargos de vice-governador e secretário de Estado e concorreu às eleições do estado do Rio juntamente com Leonel Brizola (1922–2004), na qual foram derrotados pela chapa de Moreira Franco e Francisco Amaral (1933–2020). Contudo, apesar do insucesso nesse pleito, Darcy já havia deixado um amplo legado no estado do Rio de Janeiro, como: o Monumento a Zumbi dos Palmares; a Casa de Cultura Laura Alvim; o Restauro da Fazenda de Colubandê, no município de São Gonçalo; a Fundação Progresso; a Casa da Flor; a Pedra do Sal; o sítio Santo Antônio da Bica, de Antonio Burle Marx. Darcy ainda realizou 40 atos de tombamento, que incluíram 150 bens e imóveis, coretos públicos e quilômetros de praias no litoral fluminense, como as dunas de Cabo Frio e a praia de Grumari. Por fim, publicou os livros *América Latina: a pátria grande* (1986) e *O livro dos CIEP* (1986).

Após o desfecho negativo das eleições no Rio de Janeiro, Darcy assumiu o posto de Secretário de Desenvolvimento Social no estado de Minas Gerais em 1987. Seu objetivo era organizar uma reforma educacional nessa região. Paralelamente à ocupação do cargo, também recebeu um convite da Universidade de Maryland, nos Estados Unidos, para se juntar a um ciclo de debates a respeito da realidade brasileira. Além disso, foi convidado pelo governador do estado de São Paulo, Orestes Quécia (1938–2010), para formular a

programação cultural do Memorial da América Latina. No ano seguinte, realizou conferências em Munique, Paris e Roma, e ainda foi a Belgrado, capital da Sérvia, para participar da reunião anual da Tribuna Socialista. Realizou viagens para Cuba, México, Guatemala, Peru, Equador e Argentina, com o intento de escolher obras para compor o acervo do Memorial da América Latina. Nesse mesmo ano, publicou o romance *Migo* (1988).

Em 1989 Darcy participou da campanha à presidência de Leonel Brizola e coordenou um Fórum Nacional de Debates dos Problemas Brasileiros, em todas as capitais do Brasil. Foi a Caracas e participou do Foro de Reforma do Estado e também foi readmitido ao corpo docente da Universidade de Brasília. Compareceu igualmente à posse presencial de Carlos Andrés Pérez (1922–2010) na Venezuela. Além disso, publicou o ensaio *El hombre latino-americano 500 años Después* (1989).

Participou em 1990 de debates internacionais na Alemanha e na França a respeito da defesa da Amazônia e integrou o Encontro de Ensaístas Latino-Americanos de Buenos Aires. Nesta década, Darcy foi eleito senador do estado do Rio de Janeiro e, paralelamente, Leonel Brizola retornou ao posto de governo desse mesmo Estado. Publicou o ensaio “*A pacificação dos índios Urubu-Kaapor*” (1990) e os livros *Testemunho* (1990) e *O Brasil como problema* (1990). Com a eleição de Brizola para o cargo de governo do Rio de Janeiro, Darcy, em 1991, pediu licença do seu mandato de senador para coordenar a Secretaria de Projetos Especiais de Educação, de modo a retomar a implantação dos CIEP. Cumpre notar que, a despeito de todos os problemas de implementação e continuidade do projeto⁶, foram inaugurados um total de 501 unidades.

No ano de 1992, Darcy foi eleito membro da Academia Brasileira de Letras e ocupou o assento número 11, bem como elaborou o projeto orientador da Universidade Estadual do Norte Fluminense, inaugurando-a na cidade de Campos dos Goytacazes - RJ. Publicou os ensaios *Tiradentes estadistas* (1992) e *Universidade do terceiro milênio: plano orientador da Universidade Estadual do Norte Fluminense* (1992), e o livro *A fundação do Brasil 1500-1700*, com a colaboração de Carlos Araújo Moreiras Neto (1992). Em 1994, mais uma vez, em parceria com Leonel Brizola, concorreu à Presidência da República. Após nova derrota, foi internado em estado grave no Hospital Samaritano do

⁶ Para maiores detalhes do processo de implementação do CIEP, confira o trabalho de Helena Bomeny (2007), *Salvar pela escola: programa especial de educação*, disponível em: [Sociologia55.vp \(iscte-iul.pt\)](http://Sociologia55.vp (iscte-iul.pt)). Acesso em: 23 maio 2022.

Rio de Janeiro em virtude do agravamento do seu câncer. Apesar de a sua saúde estar debilitada, publicou o ensaio *Tiradentes* (1994).

Em 1995, a contragosto dos médicos, Darcy deixou o hospital e passou a residir em Maricá com o objetivo de finalizar a sua série *Estudos de Antropologia da Civilização*, de modo que concluiu a última obra da coleção, *O Povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil* (1995), e publicou o livro *Noções de coisas*, ilustrado por Ziraldo, (1995). No ano de 1996, Darcy assinou uma coluna semanal com o jornal *Folha de São Paulo* e, após uma breve melhora de saúde, retornou ao seu cargo de senador. Em sua cadeira política, ele concentrou os seus esforços na aprovação da Lei n.º 9.394/1996 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – Lei Darcy Ribeiro). A tramitação desse texto foi alvo de muitas disputas e controvérsias entre os cientistas sociais, educadores e demais especialistas em educação⁷. Recebeu também o título de Doutor Honoris Causa pela Universidade de Brasília e ganhou o Prêmio Interamericano de Educação Andrés Bello, concedido pela Organização dos Estados Americanos (OEA). Publicou os ensaios *Los índios y el Estado Nacional* (1996), *Ethnicity and Civilization* (em parceria com Mércio Gomes) e o livro *Diário índios: os Urubu-Kaapor* (1996).

Darcy Ribeiro faleceu em 17 de fevereiro de 1997 em decorrência das complicações do seu câncer. Esse fato ocorreu no dia que defenderia o seu Projeto Caboclo no Senado. Foram publicados de maneira póstuma os livros *Gentidades* (1997), *Mestiço que é bom* (1997) e *Confissões* (1997).

METODOLOGIA

Os trabalhos que discutem as relações entre instituições ocupam lugar-comum no pensamento social brasileiro. Como sugerido por André Botelho (2017), torna-se proveitoso a realização de reconstituições diacrônicas⁸ e a dinâmica da sociedade, em contraponto a certa tendência da sociologia atual de voltar as suas atenções apenas para a atualidade. Por isso, voltar mais uma vez a Darcy Ribeiro, um autor amplamente discutido

⁷ Para aqueles interessados neste tópico, confirmam o texto da educadora Iria Brzrezinski (2010), *Tramitação e desdobramentos da LDB/1996: embates entre projetos antagônicos de sociedade e educação*, disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1981-77462010000200002. Acesso em: 22 maio 2022.

⁸ [...] conexão entre pensamento social e teoria sociológica, aproximando questões do presente e interpretações do passado, permite fazer uma crítica consistente à abstração da constituição diacrônica e dinâmica da sociedade e, desse modo, questionar a tendência de parte importante da sociologia contemporânea a se refugiar no presente. (BOTELHO, 2017, p. 28).

por diferentes searas nas ciências humanas, exige uma análise da relação entre Estado e Sociedade do período experienciado pelo antropólogo. Como lembra Botelho (2017, p. 151), é a partir desse eixo analítico que é possível explicitar as singularidades de experiências históricas. Em razão do farto material produzido pelo pensamento social e político brasileiro sobre a temática aludida acima, o método adotado para a construção deste texto foi de revisão de literatura. No entanto foi empregado o conceito de “aclimação de ideias”, inspirado nos trabalhos de Antonio Brasil Júnior (2013, 2020). Seguindo a abordagem proposta por Brasil Júnior (2013, p. 32), dentre o universo das obras elaboradas por Darcy Ribeiro, foram selecionados somente os textos que tornam possível enxergar os momentos decisivos da sua experiência enquanto exilado, os quais alteraram os rumos da sua trajetória acadêmica. Logo:

O contexto não está já dado, pronto, mas é reconstruído nos *textos* sempre de maneira diferenciada. Daí que a comparação é feita sempre entre *textos* cujo confronto, nessa acepção que tomamos aqui, permite-nos melhor enxergar como a experiência social foi retraduzida enquanto princípio interno ativo de sua construção. (BRASIL JÚNIOR, 2013, p. 37).

Com isto, mediante o material bibliográfico, foi possível visualizar os nexos entre os mundos acadêmico e político na trajetória de Darcy Ribeiro, que o forçaram a deixar o país, facultando, portanto, no contato com uma literatura e cultura muito diferente do que ele havia experienciado até então. Desse modo, torna-se possível evidenciar como a experiência do exílio mudou definitivamente as suas perspectivas intelectuais e políticas.

EXÍLIO E COSMOPOLITISMO

Não foram poucos os intelectuais, políticos, artistas e outros civis que a ditadura militar forçou a deixar o país. No caso de Darcy Ribeiro, a despeito de se ver obrigado a deixar o Brasil, ele desejava continuar com a sua atuação pública. Por esse motivo, optou por permanecer na América Latina e o seu primeiro destino foi o Uruguai. Cabe destacar a dimensão ideológica da escolha. Darcy Ribeiro recusou o asilo em solo estadunidense para não se mostrar conivente com as forças que ajudaram a perpetrar a dissolução da democracia no Brasil (RIBEIRO, 2010). Por isso, ele escolheu ficar em solo latino-americano, e esta opção o proporcionou, no decorrer dos anos, uma grande circulação entre diferentes países dessa região. Logo, essa experiência alterou a sua obra definitivamente. Darcy Ribeiro fez da América Latina a sua morada ao longo dos doze anos de exílio, antes de retornar à sua pátria. Segundo ele:

A opção de ficar na América Latina, recusando as oportunidades de ir para Paris ou Roma, foi a decisão mais sábia que fiz na vida. Ela me possibilitou a

reconstrução de mim mesmo como intelectual. Na Europa teria continuado minha etnografia indígena como um mero etnólogo de gabinete e viveria sempre sob o risco de me converter num basbaque, como aconteceu com tanta gente. Em lugar disto, no Uruguai me fiz um brasileiro mais consciente e aprendi a ser latino-americano. (RIBEIRO, 2013, p. 148).

O período que Darcy Ribeiro esteve exilado, mas circulando em diferentes países latino-americanos, chamou a sua atenção para as características similares entre essas sociedades, fruto de um largo período de exploração colonial. No entanto, o autor também percebeu a vasta diferença entre elas, que as teorias hegemônicas das ciências sociais europeias e estadunidenses não explicavam perfeitamente. A conjunção desses fatores é uma das bases centrais da argumentação de Darcy nos seus *Estudos de Antropologia da Civilização*. Na concepção de Darcy:

Os europeus e os norte-americanos (como um transplante ultramarino de sociedades europeias) têm dificuldades de assumir esta visão porque, identificando o feudalismo com a Idade Média que está no seu próprio passado, são levados a concebê-lo como uma ponte histórica entre o Escravismo greco-romano - seus supostos ancestrais, mais dignificatórios do que reais:- e os alvares do Capitalismo Mercantil, no Renascimento. A luz desta percepção eurocêntrica, o milênio de atraso medieval - em que desaparece toda a produção mercantil, em que a imensa estrutura do Império Romano se coalha em milhares de feudos - é alçada fantasiosamente da condição de seqüência histórica específica à de categoria teórica geral da evolução humana. (RIBEIRO, 1987, p. 25).

Por isso, Darcy, ao rediscutir as teorias antropológicas sobre a evolução humana, reavalia o lugar e o papel da Europa na história do desenvolvimento da civilização. Como consequência, cria novas categorias interpretativas para explicar as singularidades da edificação da sociedade latina. Mostra a amalgamação de diferentes raças e etnias, que foi acomodada em uma estrutura social estratificada por classes sociais e com modos particulares de sociabilidade. Nesse aspecto, tem-se a recusa de Ribeiro da aplicação descontextualizada das formulações estrangeiras para a explicação da realidade latina. Essa postura se dá de maneira antropofágica⁹, uma vez que Darcy Ribeiro reconhece a centralidade de autores como Karl Marx (1818–1883) e Leslie White (1900–1975) para ajudar na elaboração de esquemas interpretativos da realidade latina, por exemplo. Conforme Ribeiro:

Nosso papel é, pois, o de nos fazermos herdeiros do discurso da ciência, apenas para refazê-lo com base na exploração exaustiva do valor explicativo tanto dos contextos sociais concretos que observamos, como das circunstâncias de lugar e posição, desde as quais vemos a eles e aos seus contornos. (RIBEIRO, 1987, p. 24).

⁹ “A metáfora antropófaga pretende resolver o dilema nacional/cosmopolita, já que o antropófago digere o estrangeiro, assimilando-o, assim, no seu corpo e eliminando a distância e a diferença que inicialmente os separava.” (ALMINO, 1999, p. 44).

Com isso ele provincializa a Europa ao remover a sua centralidade explicativa desses eventos. Posicionamento atrelado a sua militância política de cunho nacionalista. Darcy Ribeiro, sendo um autor de forte presença na arena pública brasileira, visava promover a autonomia e o progresso do país. Contudo, exilado, ao viajar pela América Latina, deparou-se com o subdesenvolvimento enquanto um fator em comum entre as nações, mas reconhece as configurações singulares dos países latinos. Logo, recusa os modelos explicativos totalizantes para elaborar esclarecimentos, visto que esses argumentos frequentemente culpabilizam os países de terceiro mundo por seu quadro de atraso. Isso, porque os efeitos da colonização no presente são minimizados. Portanto, uma explicação autônoma para a realidade latino-americana é fundada por meio de um Cosmopolitismo Latino.

CONQUISTA: O INÍCIO DA AUTOPROVINCIALIZAÇÃO

Segundo o ensaísta Silvano Santiago (2002, p. 223), o processo de ocupação do Novo Mundo teve como pano de fundo as disputas religiosas que estavam em curso na Europa. Os embates entre os puritanos com os membros das diferentes vertentes do cristianismo geraram um processo de intolerância religiosa. Contudo, os puritanos, enquanto novos ocupantes das Américas, uma vez livres dos entraves europeus, acabaram por transladar toda a intolerância para as colônias. Eles utilizaram as suas crenças religiosas como um pretexto para as desigualdades que perpetraram no Novo Mundo, justificando-as enquanto uma teoria da predestinação. Dessa forma, a colonização foi mais do que um processo de propagação da fé, em detrimento aos valores do outro. Santiago (2002, p. 225) descreve que esse processo ocorreu por três vias: a primeira, a social, quando se extinguiu a liberdade do indígena, de modo que esta passou a pertencer à coroa europeia. A segunda foi a obliteração do seu sistema religioso. Lembrando que essa instituição engloba a organização das instâncias econômicas, sociais e políticas dessa população. Assim, por intermédio da catequese, os indígenas são transformados em falsificações do europeu. Por último, o apagamento da sua identidade e riqueza linguística, ação que os forçou a adotar um único idioma.

Segundo Santiago (2002, p. 224), a colonização para a difusão da fé configura-se enquanto falta de respeito com o Outro, pois se mostra intolerante frente aos seus valores, o que explicita a característica eminentemente narcísica do europeu. Desse modo, ver a sua imagem refletida por todo o mundo, independentemente do quão sejam díspares os

contextos: “Gloriosamente, a história dita universal surge com o expansionismo europeu. O Novo Mundo é apenas a ocasião para um outro espelho, e o indígena, barro para se confeccionar um duplo e semelhante. E toca violência e destruição” (SANTIAGO, 2002, p. 224). Dessa maneira, o colonizador justifica as suas ações por meio da ideia de propriedade. Ele escamoteia o roubo, conseqüentemente escapando da punição. E apenas a eles são permitidos estarem escritos nesses valores (SANTIAGO, 2002, p. 229). Ou seja, esse é o âmago da fundação de uma ideia de “universalidade”, que tem as suas benesses restritas apenas a um grupo específico.

O período após a colonização definiu de maneira desigual a concepção do que significa ser humano. Por isso, os europeus que viajavam pelo Novo Mundo estavam em busca de ver o exótico e o autêntico. Logo, o naturalismo ganhou proeminência entre viajantes que buscavam enxergar os traços do “universal” que haviam desenhado, refletidos nas pessoas e faunas das américas. Na fase pós-movimentos de independência e liberação, Santiago (2002, p. 231) destaca que esse hábito se manteve enquanto um projeto ocidentalizador não solicitado. “A viagem do europeu tem uma função predominantemente docente e modernizadora. O europeu viaja, então, como integrante de uma missão cultural” (SANTIAGO, 2002, p. 231). Acerca desse aspecto, Sneja Gunew (2009, p. 36) chama a atenção para o fato de que a reivindicação do universalismo é um movimento suspeito. Portanto, esse é o aspecto que resguarda a provincianização.

EUROPA, A PRIMEIRA PROVÍNCIA

O historiador Dipesh Chakrabarty (2000, p. 3) argumenta que a Europa já se provincializou em virtude de sua própria história. Dessa forma, os termos modernidade e ideias correlatas, como desenvolvimento e afins, trazem consigo uma hierarquia implícita. Por isso Chakrabarty (2000, p. 7), ao tomar o “capitalismo tardio” enquanto exemplo, mostra que a noção de “tarde”, quando se refere aos países desenvolvidos, ganha conotações diferentes. Por outro lado, ela tem um sentido unívoco para as nações de terceiro mundo, ou seja:

Essa estrutura “primeiro na Europa, depois em outros lugares” do tempo histórico global foi historicista; diferentes nacionalismos não ocidentais produziram mais tarde versões locais da mesma narrativa, substituindo a ‘Europa’ por algum centro construído localmente. (CHAKRABARTY, 2000, p. 7, tradução do autor).

Reconhecendo essas disparidades, o autor supracitado (2000, p. 16) evoca o argumento de que o pensamento europeu, apesar de inadequado para refletir sobre a

modernidade política dos países não ocidentais, é incontornável. Porque essa tradição intelectual agora é uma herança que afeta todos; assim, “pode ser renovado de e para as margens” (CHAKRABARTY, 2000, p. 16, tradução do autor). Chakrabarty (2000, p. 16) lembra que as margens são tão diversamente ricas em contextos socio-históricos quanto os centros. Em razão disso, a Europa, quando interpretada a partir dos eventos coloniais, parece diferente. Por meio dos escritos pós-coloniais, a cada contexto examinado, surge uma nova feição do continente. Chakrabarty (2000, p. 16-17) mostra que a dominação da Europa logrou ainda um problema de tradução. Isso ocorreu pelo fato de que as categorias políticas e teóricas universalistas de origem europeia, para muitos cientistas sociais, haviam transcendido o contexto social de sua formulação. Em suma, muitas dessas ideias perderam a sua historicidade para muitos autores. Como consequência, elas foram aplicadas a muitas realidades sociais de maneira irrestrita. Segundo o autor, a crítica pós-colonial mostra que a incomensurabilidade de contexto entre a realidade do centro e da margem, quando os conceitos universalistas são aplicados, é que sublinha a real ideia de diferença (CHAKRABARTY, 2000, p. 17).

Sendo assim, as histórias dos países de terceiro mundo são agregadas como uma continuação da história da Europa. Contudo, são articuladas sempre na posição de subalternidade, na qual apenas um lado dessa relação de força tem capacidade de atribuir esses papéis. Logo, os países colonizados são referidos mediante termos hiper-reais. Isto é, figuras imaginadas de maneira indefinida. Por essa razão, no plano da produção de conhecimento histórico, a Europa ganha a função de referencial silencioso. Os historiadores e cientistas sociais têm a necessidade de mencionar as obras e os autores europeus. Embora os intelectuais do centro¹⁰ não sintam a necessidade de fazer o mesmo (CHAKRABARTY, 2000, p. 27-28).

[...] até mesmo a ciência “prática” da economia, que agora parece “natural” para nossas construções de sistemas mundiais, está (teoricamente) enraizado nas ideias e ética na Europa do século XVIII — um historiador do terceiro mundo está condenado a conhecer a “Europa” como o lar original do “moderno”, enquanto o historiador “europeu” não compartilha uma situação comparável em relação aos passados da maioria da humanidade. (CHAKRABARTY, 2000, p. 41-42, tradução do autor).

¹⁰ Pensadores situados nas principais instituições de ensino e pesquisa dos países de “Primeiro Mundo”, como a universidade de Harvard, nos Estados Unidos da América, a universidade de Cambridge, no Reino Unido, e a universidade de Sorbonne, na França.

Chakrabarty (2000, p. 46) também destaca que os protocolos acadêmicos do conhecimento estão atrelados à globalidade criada pela modernidade europeia. Assim, provincializar a Europa é contestar a ideia do que é moderno.

Para o sociólogo Gurminder K. Bhambra (2011, p. 328), as dinâmicas descritas por Chakrabarty fazem com que seja necessário o surgimento de um cosmopolitismo provincializado que seja capaz de aprender com outros. Mas esse processo deve ocorrer não por meio da confirmação do que já é conhecido, e sim de novos entendimentos que fundam as nossas visões sobre o mundo em que vivemos. Portanto, “a provincianização do cosmopolitismo não é apenas uma interpretação diferente das mesmas ideias, mas a insurgência” (BHAMBRA, 2011, p. 326, tradução do autor).

(RE) APRENDIZADO SOCIAL

Os autores Bernhard Forchtner, Marcos Engelken Jorge e Klaus Eder (2018) mostram a relação entre narrativas e aprendizado social. Segundo eles, as narrativas são arranjos que selecionam eventos, conferem-lhes sentido. Dessa forma, há um encadeamento “natural” de acontecimentos, que justifica o ordenamento usual do mundo. Por isso, as narrativas são os instrumentos ideais para começar/terminar processos de aprendizagem. Isso, segundo os autores, liga-se ao mapeamento “cognitivo do mundo”, ou seja, o reconhecimento do que pode ser feito nas relações sociais. Essa dinâmica influencia a forma de mudança social possível, uma vez que o desenrolar das narrativas cria um elo entre público e história, o que provoca reações cognitivo-emocionais. Dessa maneira, pode-se ver como é formada a descentralização ou coerência do sujeito/evento com que o público deve se identificar, como um processo suscetível ao estado emocional da audiência exposta às narrativas (FORCHTNER, ENGELKEN, EDER, 2018, p. 9).

Em vista disso, provincializar a Europa e, conseqüentemente, contestar as formas de conhecimento hegemônicas, como sugerido por Chakrabarty (2000) e Bhambra (2011), significa também alterar a narrativa social corrente. Por um lado, o processo de aprendizado social é dificultado, já que as verdades universais vigentes foram afetadas. Por outro, ganha força por intermédio de elementos históricos e centrais do desenvolvimento das sociedades modernas. Conforme Klaus Eder (2003, p. 12) destaca, a construção da identidade só ocorre por meio da verbalização, isto é, da comunicação racional pautada na ideia de compreensão mútua. Diante disso, a existência de uma língua geral foi essencial

para a formação da identidade nacional. “O sentimento de união mediado por vínculos sociais pressupõe uma língua compartilhada” (EDER, 2003, p. 12).

Portanto, idioma e narrativa se confundem na construção ontológica das identidades, ou seja, um processo mediado por categorias forjadas no contexto social europeu e colocadas enquanto universais. A provincianização da Europa baseia-se no reconhecimento do seguinte pressuposto: não foram apenas os idiomas que foram difundidos no contexto de colonização, os seus conceitos foram aplicados de forma unívoca em diferentes contextos. Sendo assim, o cosmopolitismo pode se construir apenas em detrimento do reconhecimento das singularidades presentes no centro e na margem, e também de como eles se relacionam.

Ulrich Beck (2002, p. 19) ressalta que não há cosmopolitismo sem o localismo. O autor (2002, p. 23) estende esse argumento para a ideia de globalização, porque não se pode entender o global sem o conceito de lugar. Dessa forma, o nacional emerge por meio do global internalizado. O reconhecimento das singularidades dos outros, a partir de uma atitude não centrada nas perspectivas estereotipadas do local em questão, das pessoas e das formas de vida, é o cerne para a construção de uma abordagem cosmopolita. Em suma, é necessário destacar as particularidades e mostrar como historicamente se construiu a relação com o todo. Beck (2002, p. 22) defende um “cosmopolitismo metodológico”, ou seja, a proposição de que é necessária uma nova métrica política ao pensar a alteridade de conceitos como futuro, natureza e outras civilizações. A justificativa do autor recai no fato de que “a imaginação nacional monológica das ciências sociais assumiu que a modernidade ocidental é uma formação universal e que as modernidades dos não ocidentais só podem ser compreendidas em relação ao modelo ocidental idealizado” (BECK, 2002, p. 22, tradução do autor).

CONFORMAÇÕES HISTÓRICO-CULTURAIS

Darcy Ribeiro recusa os esquemas teóricos idealizados que imputam total culpa do atraso aos países latinos, uma vez que, segundo essas explicações, a América Latina foi uma das últimas regiões a começar as etapas da evolução sociocultural. Há também a recusa do formalismo político enquanto solução às constrições sociais. Com isso, ele aponta para a criação autônoma de mecanismos para a superação do atraso. Percebendo essas especificidades, Darcy realiza uma crítica ao campo intelectual do seu tempo. Segundo ele:

Os antropólogos – como de resto todos os cientistas sociais – parecem preparados para empreender pesquisas acuradas sobre problemas restritos e socialmente irrelevantes, mas pouco propensos a focalizar as questões cruciais com que se debatem as sociedades modernas, mesmo as que se situam em cheio no seu campo de preocupação científica (RIBEIRO, 1975, p. 3).

Por isso, o seu desejo era entender a partir das ciências sociais, mais precisamente da antropologia, a razão de os povos modernos serem como são na atualidade. O autor se volta para compreender quais são os mecanismos que incidiram sobre a população latina e as organizou de maneiras tão diferentes sob o aspecto cultural e social. Além disso, buscou saber por que o nível de integração tecnológico com a “civilização industrial” é tão díspar (RIBEIRO, 1975, p. 4). Graças a isso, Darcy forjou os conceitos de Povos-Testemunhos, Povos-Novos, Povos-Emergentes e Povos-Transplantados (RIBEIRO, 1975, p. 59).

Segundo o autor (1975, p. 27-28), os povos-novos são a configuração histórico-cultural dominante na América, uma vez que surgiram por todo o continente, mesmo que posteriormente fossem transferidos para outras áreas. Segundo Darcy (1975, p. 26-27), eles são constituídos pelo caldeamento e deculturação das matrizes étnicas africanas, europeias e indígenas. Dessa maneira, caracterizam-se fundamentalmente por serem uma *especia novae*. Para esse antropólogo, eles são entidades étnicas diferenciadas, porque antecipam grupos humanos de um futuro distante. Em sua visão, “cada vez mais mestiçados e uniformizados e, desse modo, homogeneizados racial e culturalmente” (RIBEIRO, 1975, p. 27).

Ribeiro salienta que esse grupamento étnico se formou como um subproduto da colonização europeia. Assim, ele está assentado na confluência não homogênea das características culturais, raciais e linguísticas. Mesmo que tenha um processo formativo orientado pelo mesmo nexos, de levar adiante o empreendimento colonial, esses povos são completamente diferentes entre si. Nas palavras de Darcy:

Os Povos-Novos das América são o resultado de formas específicas de dominação étnica e de organização produtiva sob condições de extrema opressão social e deculturação compulsória eu, embora exercidas em outras épocas e em distintas áreas do mundo, alcançaram na América Colonial a mais ampla e a mais rigorosa aplicação. (RIBEIRO, 1975, p. 29).

O antropólogo (1995, p. 128) mostra que, no Brasil, existe uma singularidade no desenvolvimento de sua etnia, uma vez que o primeiro brasileiro consciente de sua identidade foi o mameluco, visto que ele não poderia se identificar com a sua herança cultural americana nem europeia, porque desprezava os primeiros, e era desprezado pelos segundos. Posto nessa posição de ninguendade, restava-lhe, portanto, ser brasileiro.

O brasilíndio como afro-brasileiro existiam numa terra de ninguém, etnicamente falando, e é partir dessa carência essencial, para livrar-se da ninguendade de não-

índios, não-europeus e não-negros, que eles se veem forçados a criar a sua própria identidade étnica: a brasileira. (RIBEIRO, 1995, p. 131).

Não obstante, deve-se atentar ao fato de que a particularidade do Brasil, que foi apontada por Darcy Ribeiro, não faz o resto dos países latinos iguais. Mesmo que os seus processos de formação tenham sido perpetrados por uma empresa colonial com um *modus operandi* homogêneo, o autor mostra que há diferentes conformações étnicas por toda América Latina. O posicionamento de Ribeiro funda-se na recusa das categorias universalistas europeias e estadunidenses.

CONCLUSÃO

O cosmopolitismo na perspectiva do sul/subalterno pode ser descrito como deslocamento da centralidade da Europa, enquanto parâmetro explicativo e universal. Por isso, na perspectiva de Bhambra (2011), Chakrabarty (2000) e Gunew (2009), além da contestação da hierarquia estabelecida, é necessário trazer para o primeiro plano as especificidades das dinâmicas existentes na margem, de modo a explicitar a forma como elas se relacionam ao todo. Conforme destacou Beck (2009), evocar a significância do localismo em uma perspectiva que leve em consideração a alteridade de conceitos importantes para explicar realidades distintas.

Chakrabarty (2000) pontua que a tradição intelectual europeia fez de si mesma uma herança universal. Logo, guardadas as devidas proporções, ela tem um grande poder explicativo para a situação das margens. Quando Darcy Ribeiro foi para o exílio, ele identificou as proximidades legadas pela colonização e também a alteridade presente nos povos latinos. Por isso, Darcy elaborou uma caracterização e descrição dos processos de formação étnica mediante o enclive do evolucionismo antropológico e do marxismo. Essas são as categorias explicativas das dinâmicas de formação latino-americana, bem como as suas singularidades.

Dessa forma, também são destacadas as potencialidades da América Latina para a superação do seu atraso. Darcy Ribeiro formulou uma perspectiva não eurocêntrica, a qual ele só pôde desenvolver por meio de uma atitude cosmopolita durante o exílio. Portanto, o duplo movimento de reconhecer a proximidade e as diferenças na formação dos países latino-americanos, não recorrendo de maneira acrítica às categorias e às posturas eurocêntricas homogeneizantes, que encobrem as nuances socioculturais, é um cosmopolitismo latino-americano.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMINO, J. Por um universalismo descentrado: considerações sobre a metáfora antropófaga. **Nuevo Texto Crítico**, Califórnia, v. 12, n. 23/24, p. 41-47, jan./dez., 1999.

BECK, U. The cosmopolitan society and its enemies. **Theory, Culture & Society**, London, Thousand Oaks and New Delhi, v. 19, n. 1/2, p. 17-44, 2002.

BHAMABRA, G. Cosmopolitanism and postcolonial critique. *In*: RISKOVO, M.; NOWICKA, M. (org.). **The ashgate research companion to cosmopolitanism**. Farnham: Ashgate Publishing Limited, 2011. cap. 18, p. 313-328.

BOMENY, H. **Darcy Ribeiro: sociologia de um indisciplinado**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2001. 284 p.

BOTELHO, A. **O retorno da sociedade: política e interpretações do Brasil**. Petrópolis: Vozes, 2019. 297 p.

BOTELHO, A.; BRASIL JÚNIOR, A. da S. Cosmopolitismo plebeu: a sociologia de Florestan Fernandes. **Blog Virtual do Pensamento Social**, [s. l.], 2020. Disponível em: <https://blogbvps.wordpress.com/2020/07/22/cosmopolitismo-plebeu-a-sociologia-de-florestan-fernandes-por-andre-botelho-e-antonio-brasil-jr/>. Acesso em: 30 out. 2021.

BRASIL JÚNIOR, A. da S. **Passagens para a teoria sociológica: Florestan Fernandes e Gino Germani**. São Paulo: Hucitec, 2013. 304 p.

CHAKRABARTY, D. **Provincializing Europe: postcolonial thought and historical**. New Jersey: Princeton Press and Oxford, 2000. 301 p.

EDER, K. Identidades coletivas e mobilização de identidades. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 18, n. 53, p. 5-19, out., 2003.

FORCHTNER, B.; JORGE, M. E.; EDER, K. Towards a revised theory of collective learning processes: argumentation, narrative and the making of the social bond. **European Journal of Social Theory**, p. 1-19, December 2018.

GOMES, R. C. Cosmopolitismo(s) em tempos midiáticos: um desafio contemporâneo. **Revista Novos Olhares**, São Paulo, v. 3, n. 2, p. 14-25, 2014.

GUNEW, S. Inflexões subalternas nos cosmopolitismos vernaculares. **Aletria: Revista de Estudos de Literatura**, Belo Horizonte, v. 19. n.1, p. 21-42, jan./jun. 2009.

HEYMANN, L. Q. O arquivo utópico de Darcy Ribeiro. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 19, n.1, p. 261-282, jan./mar., 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/hcsm/a/HQwqFxFkF3sPZ56hjXCFWM/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 7 maio 2022.

RIBEIRO, D. **As Américas e a civilização**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1970. 660 p.

RIBEIRO, D. **Configurações histórico-culturais dos povos americanos**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1975. 159 p.

RIBEIRO, D. **O processo civilizatório**: estudos de antropologia da civilização; etapas da evolução sociocultural. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 1987. 256 p.

RIBEIRO, D. **O povo brasileiro**: a formação e o sentido do Brasil. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. 472 p.

RIBEIRO, D. **Confissões**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. 467 p.

RIBEIRO, D. **Golpe e exílio**. Rio de Janeiro: Fundação Darcy Ribeiro; Brasília, DF: Editora UnB, 2010. 108 p.

RIBEIRO, D. **Teoria do Brasil**. 1. ed. Rio de Janeiro: Fundação Darcy Ribeiro, 2013. 116 p.

RIBEIRO, D. **Testemunho**. Rio de Janeiro: Fundação Darcy Ribeiro, 2013. 307 p.

SANTIAGO, S. **Nas malhas da letra**: ensaios. Rio de Janeiro: Rocco, 2002. 275 p.

SANTIAGO, S. O entre-lugar no discurso latino-americano. *In.*: **Uma literatura nos trópicos**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1978, p. 11-28.

RODRIGUES, L. O. P. **Universidade em potência e 'Civilização Emergente'**: uma leitura do projeto orientador da “Universidade do Terceiro Milênio” à luz de clássicos da Sociologia. 2019. Monografia (Bacharelado em Ciências Sociais) – Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, Campo dos Goytacazes, 2019.

RODRIGUES, L. O. P.; MIGUEL, L. R. R. Darcy Ribeiro e J.D. Bernal: o papel da ciência e a universidade brasileira. SEMINÁRIO NACIONAL DA HISTÓRIA DA CIÊNCIA E DA TECNOLOGIA, 17., 2020, Rio de Janeiro. **Anais** [...]. Rio de Janeiro, 2020. p. 1-14. Disponível em: https://www.17snhct.sbhc.org.br/resources/anais/11/snhct2020/1596156502_ARQUIVO_4ea7c8cdd15d0ae28e4ea29f5ab5d891.pdf. Acesso em: 17 out. 2021.

SCHWARCZ, R. As ideias fora do lugar. *In.*: SCHWARCZ, R. **Ao vencedor as batatas**. 4. ed. São Paulo: Duas Cidades, 1992. cap. 1, p. 1-17.